



**INSTITUTO LATINO AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

FILOSOFIA - LICENCIATURA

O PANÓPTICO DIGITAL

RODRIGO ALVES DE QUEIROGA

Foz do Iguaçu
2022

O PANÓPTICO DIGITAL

RODRIGO ALVES DE QUEIROGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Doutor em Filosofia Prof. Gonzalo Patricio Montenegro Vargas

Foz do Iguaçu
2022

RODRIGO ALVES DE QUEIROGA

O PANÓPTICO DIGITAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Gonzalo Patricio Montenegro Vargas
UNILA

Prof. Dr. Julio da Silveira Moreira
UNILA

Prof. Dr. Fábio Batista
UNIOESTE

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): RODRIGO ALVES DE QUEIROGA

Curso: LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Tipo de Documento	
(X) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: O PANÓPTICO DIGITAL

Nome do orientador(a): Prof. Dr. Gonzalo Patricio Montenegro Vargas

Data da Defesa: 31/03/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 08 de ABRIL de 2022.



Assinatura do Responsável

Para Dulce, Bruna, Tarcísio Júnior e Tarcísio
(*in memoriam*). O exemplo e incentivo de
cada um deles faz a diferença.

AGRADECIMENTOS

Finalizo este ciclo satisfeito com tudo que vivi dentro e fora da universidade, foram experiências fantásticas. Além de dedicar minha jornada para minha família, agradeço especialmente a minha mãe, por toda dedicação e incentivos em minhas escolhas. À minha irmã pela força e troca de experiências acadêmicas e de tudo na vida. Ao meu irmão por apresentar e incentivar o meio acadêmico.

Agradeço aos meus professores, Gonzalo Patricio Montenegro Vargas e Julio da Silveira Moreira, exemplos de docência, pela orientação no meu encerramento de curso. E também a professora Idete Teles. Todos foram fundamentais para motivação na busca de conhecimento e desenvolvimento acadêmico.

Aos colegas dos cursos aos quais me dediquei, agradeço pela oportunidade de conhecê-los, todos tem algo a ensinar, aprendemos uns com os outros. Aos colegas de todos os projetos de extensão que eu participei levando um pouco da UNILA para fora da universidade. À todos os colegas que fiz dentro e fora da universidade, a todos que me receberam bem desde a minha chegada em Foz do Iguaçu.

“Quando o instrumento do medo não funciona, a gente adquire um poder inimaginável”.
Marcelo Yuka (2016)

QUEIROGA, Rodrigo Alves de. **O PANÓPTICO DIGITAL**. 2022. 53 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Filosofia – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Pretende-se com esta pesquisa comparar obras que exploraram o conceito do panoptismo em Michel Foucault. O objetivo do panóptico é ter uma supervisão central para monitorar sem ser observado pelos vigiados. Identificamos a manifestação do panóptico na *web* analisando as teorias exploradas por Zygmunt Bauman, como o sinoptismo, o super panóptico junto ao panóptico digital de Byung Chul Han, o qual investiga suas manifestações e consequências. Foucault inicia os estudos sobre o histórico do panóptico, revelando sua importância nas relações de poder. Bauman e Han recomendam a atualização do conceito de panoptismo em Foucault, percebendo o quanto as relações de poder foram alteradas junto à sociedade, seus mecanismos foram atualizados, informatizados, estão em outro ambiente, encontra-se na interconexão mundial de computadores em rede (*web*), o *Ciberespaço*. O panóptico digital demonstra eficiência ao manifestar-se em formato de algoritmos, onde seu armazenamento em *Big Data* está em sua grande maioria em domínio de megacorporações. A pesquisa recorre aos métodos históricos e comparativos de teorias em que preocupam-se com a transformação dos processos de teorias de poder. Afinal, utilizado de forma constante, é preciso compreender e revelar o panóptico digital.

Palavras-chave: Panóptico Digital; Sinóptico; Michel Foucault, Zygmunt Bauman; Byung Chul Han.

QUEIROGA, Rodrigo Alves de. **EL PANÓPTICO DIGITAL**. 2022. 53 páginas. Trabajo de fin de curso de la Licenciatura en Filosofía – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguazú, 2022.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es comparar trabajos que exploraron el concepto de panoptismo en Michel Foucault. El objetivo del panóptico, se trata de tener una supervisión central para vigilar sin ser observado por los vigilados. Identificamos la manifestación del panóptico en la web, analizando las teorías exploradas por Zygmunt Bauman, como el sinóptico, o super panóptico junto con el panóptico digital de Byung Chul Han, que investigan sus manifestaciones y consecuencias. Foucault inicia estudios sobre la historia del panóptico, revelando su importancia en las relaciones de poder. Bauman y Han, recomiendan actualizar el concepto de panoptismo de Foucault, identificando los cambios en las relaciones de poder dentro de la sociedad, por tal motivo, sus mecanismos se han actualizado, informatizado, están en otro entorno, un lugar donde la interconexión global de computadoras en red (web), el Ciberespacio. El panóptico digital, demuestra eficiencia al manifestarse en forma de algoritmos, donde su almacenamiento en Big Data está principalmente en el dominio de las megacorporaciones. La investigación recurre a métodos históricos y comparativos de teorías en los que se preocupan por la transformación de los procesos de teorías del poder. Después de todo, utilizado constantemente, es necesario comprender y revelar el panóptico digital.

Palabras llave: Panóptico Digital; Sinóptico; Michel Foucault, Zygmunt Bauman; Byung Chul Han.

QUEIROGA, Rodrigo Alves de. **THE DIGITAL PANOPTIC**. 2022. 53 pages. End of Course Paper in a Degree in Philosophy – Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2022.

ABSTRACT

The aim of this research is to compare works that explored the concept of panoptism in Michel Foucault. The purpose of the panopticon is to have a central supervision to monitor without being observed by the people being watched. We identified the manifestation of the panopticon on the web by analyzing the theories explored by Zygmunt Bauman, such as synopticism, the super panopticon together with the digital panopticon of Byung Chul Han, which investigates its manifestations and consequences. Foucault begins studies on the history of the panopticon, revealing its importance in power relations. Bauman and Han recommend updating the concept of panopticism in Foucault, realizing how much power relations have been changed within society, its mechanisms have been updated, computerized, they are in another environment, it is found in the global interconnection of networked computers (web), cyberspace. The digital panopticon demonstrates efficiency by manifesting itself in the form of algorithms, where its storage in Big Data is mostly in the domain of megacorporations. The research resorts to historical and comparative methods of theories in which they are concerned with the transformation of the processes of theories of power. After all, used constantly, it is necessary to understand and reveal the digital panopticon

Key words: Digital Panopticon; Synoptic; Michel Foucault, Zygmunt Bauman; Byung Chul Han.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Projeto de penitenciária, um detento, em sua cela, reza diante da torre central de vigilância.....	18
Figura 2	Planta do Panopticon.....	20
Figura 3	Projetos de penitenciárias.....	21
Figura 4	Interior da penitenciária de Stateville.....	23
Figura 5	Ilustração Steve Cutts - a.....	31
Figura 6	Ilustração Steve Cutts - b.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - O NASCIMENTO DO PANÓPTICO.....	15
CAPÍTULO 2 - MANIFESTAÇÃO DO PANÓPTICO DIGITAL.....	27
CAPÍTULO 3 - DESTINO HISTÓRICO DO PANÓPTICO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo analisar os seguintes conceitos: o panóptico, de Michel Foucault, o sinoptismo, o super panóptico explorado por Zygmunt Bauman e o novo panóptico digital apresentado por Byung Chul Han.

Michel Foucault, em seus estudos sobre o histórico do panóptico de Jeremy Bentham, revela como a prática do poder vem se modificando através dos séculos, demonstrando como cada vez mais o poder não é mais algo que se possui e sim algo que se exerce. Por outro lado, Zygmunt Bauman propõe atualizar o conceito do panóptico de Foucault, pois as ferramentas de poder também foram atualizadas, porém as intenções são as mesmas. Tudo se resume na obtenção de poder sobre os indivíduos vigiados.

Os autores pesquisados alimentam o debate para um resgate histórico do panóptico, para esclarecer a atualidade com obras de Bauman e Han, sobre o quanto é importante entender as relações de poder junto a Foucault, identificar onde estão as intenções e quem está no controle das ferramentas de manutenção de poder. Nossa intenção é pensar uma espécie de panoptismo contemporâneo, e como ele funcionaria. Byung Chul Han dá algumas pistas sobre isso, utilizando os autores citados.

Atualmente, por meio de relações sociais virtuais, as informações geradas estão inseridas em um mecanismo de manipulação de poder, guiadas por um interesse social, econômico e político. Desde a sociedade disciplinar, o controle e a vigilância eficaz torna-se possível com o uso do modelo panóptico identificado por Foucault, o qual tem seus dispositivos de poder atualizados e identificados por Bauman. A microfísica do poder foi atualizada para o ambiente digital, alimentando virtualmente e voluntariamente a produção de saber, corpos dóceis, produtivos dentro de um controle de tempo e espaço com novas práticas de poder nas relações sociais.

Pierre Lévy corrobora com a pesquisa definindo o novo ambiente de prática de poder como *Ciberespaço*, lugar onde se encontra a interconexão mundial de computadores em rede, considerando tanto a parte física quanto a parte de banco de dados que alimentam o universo virtual. Outro termo utilizado é a *Cibercultura*, que são os conjuntos de práticas, modos de pensamentos, valores que se desenvolvem no *Ciberespaço*, esclarecidas em 1997 por Levy, diante do crescimento de uma enorme rede digital tecendo interconexões ao redor do planeta terra.

No capítulo primeiro, a pesquisa percorre obras de autores que se aprofundaram nos temas sobre filosofia política, tanto em teoria do poder, quanto no histórico do panóptico e suas transformações, como Jeremy Bentham, Gilles Deleuze, Michel Foucault. Esses autores apoiam a pesquisa no âmbito histórico, pois suas teses apontam as transformações de controle e vigilâncias sociais sofridas por conta da manutenção de poder.

A análise da possível existência de um panoptismo digital contemporâneo evoluiu a partir do segundo capítulo por intermédio das análises das obras do filósofo sul-coreano Byung Chul Han, a propósito colabora com desenvolvimento da pesquisa em todos os capítulos. O dinamismo de Han propõe resgatar a gênese do panoptismo em Foucault e Deleuze para discutir a mediação do sujeito no ambiente digital, e entender como e onde as relações de poder transformaram o sujeito da obediência para o sujeito do desempenho.

O segundo capítulo conta também com o apoio de obras de Cezar Taurion e Thomas Cormen com a finalidade de compreensão do lugar onde acontece toda a movimentação panóptica digital, a interconexão mundial de computadores em rede, considerando tanto a parte física quanto a parte de banco de dados que alimentam este universo virtual mediando a *Cibercultura*. Ainda neste capítulo investigamos pesquisas realizadas pelo jornalista Franklin Foer, as quais relatam a relação de poder por meio dos algoritmos na *web* exercidos pelas megacorporações, deste modo colaboram para justificar o panóptico digital contemporâneo.

No terceiro capítulo, a pesquisa fomenta a construção do histórico do panoptismo digital realizada por autores como Gilles Deleuze, Zygmunt Bauman, Thomas Mathiesen, Byung Chul Han, em que indicam como e onde as transformações dos dispositivos de manutenção de poder atuam na sociedade acerca de constante monitoramento social.

Zygmunt Bauman resgata o sinoptismo de Mathiesen e a teoria de Mark Poster, a qual este pesquisador de mídias contemporâneas revela o nascimento do panóptico digital, denominando de super panóptico. Esclarece o quanto o armazenamento de informações de bancos de dados (*Big Data*) na *web* é um lugar difícil de arquitetar resistências nas relações de poder, pois os dados são fornecidos voluntariamente pelos próprios usuários.

Bauman aponta o destino do panóptico de Bentham, e propõe complementar as manifestações de Foucault em relação à atuação do panoptismo, pois

entende o quanto a sociedade contemporânea modificou suas relações de poder e, junto a isso, a vigilância remodelou-se no novo mundo virtual. Este assunto ainda foi amparado por Hannah Arendt, Etienne La Boétie, Deleuze e Han e, no terceiro capítulo para argumentar sobre as consequências panópticas na sociedade independente se são analógicas ou digitais.

Este projeto será construído recorrendo aos métodos históricos e comparativos, o primeiro investigando acontecimentos, processos e conceitos de teorias de poder, trazendo acesso a estudos dos mecanismos utilizados pelas instituições do passado, para entender se elas influenciaram no processo evolutivo dos dispositivos de poder. Por fim, concluir a existência de um panoptismo digital em vigor, sendo apropriado por megacorporações em relação ao uso de ferramentas digitais em constante evolução.

CAPÍTULO 1 - O NASCIMENTO DO PANÓPTICO

Neste capítulo, trataremos do tema sobre a gênese do panóptico a partir de Michel Foucault, filósofo francês, explora no livro “Microfísica do Poder”, um ponto de vista diferenciado a partir de pesquisas de ferramentas tecnológicas, frente a outras linhas filosóficas da teoria clássica do poder: “minha pesquisa incide sobre as técnicas de poder, sobre a tecnologia de poder. Ela consiste em estudar como o poder domina e se faz dominar.” (2012a, p. 261)

Ao debruçar-se sobre os estudos, Foucault constrói uma história do comportamento dos mecanismos de poder. Nesse sentido, o filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han destaca em seu livro, “O que é poder” (2019), a identificação de três tecnologias de poder encontradas na obra “Vigiar e punir” (1983), de Michel Foucault.

Han faz um levantamento das tecnologias de poder, utilizando como base conceitual o pensamento foucaultiano, a primeira tecnologia é retratada no poder soberano, no qual retrata a manutenção de poder por meio de símbolos, estes representados por rituais de tortura como exemplo punitivo. O dispositivo de poder utilizado era o suplício, expressado como cerimônia política, um espetáculo diante da população; “o poder do soberano diz pelos corpos esquartejados ou pelas cicatrizes que o mártir herda em seu corpo [...] E a tortura e o martírio consomem-se como um ritual, como uma encenação que trabalha com signos e símbolos.” (HAN, 2019, pg.33).

A segunda tecnologia de poder lida com a legislação civil, com a coerção, reprimindo os corpos pelo controle de ideias, mediando posturas em oposição ao antigo regime do soberano. As grandes epidemias e altas taxas de mortalidade infantil provocaram o aumento do valor econômico da vida do indivíduo.

Surge, assim, a preocupação em alterar o antigo método violento de punição, pois a perda de vidas provocou escassez de mão de obra. Logo, novos planos emergenciais são apresentados para substituir a pena de morte, tal qual, reformar o sistema de manutenção de poder foi necessário, surgindo ideias como confiscos de bens e a prisão aos que não respeitam a soberania monarca.

Vigilância e controle sempre caminharam juntos, porém houve momentos contestáveis, ao que Han resgata o período não tão eficiente da monarquia, a qual concebeu mudanças por conta de uma demanda economia penal, foi intensificado a vigilância e punir menos. Com o surgimento das sociedades industriais, a mão de obra

era valiosa, aumentando, assim, a busca para poupar vidas, para melhorar o controle dos corpos e a não propagação de punição violenta à população.

A terceira tecnologia de poder pesquisada por Foucault é a disciplina, que surgiu no chamado nascimento das prisões, com a criação de novos hábitos para o adestramento de corpos para uma atuação produtiva. Assim, a disciplina trabalha com normas ao invés da violência: “o poder da disciplina não produz apenas corpos submetidos, dóceis, obedientes, mas sustenta relações com a produção de discursos. Ele também produz, portanto, saber” (HAN, 2019, p. 35).

O poder está presente nas relações humanas, apesar da existência de um pensamento em que o atribui a uma força física, ou moral, das instituições públicas e privadas. O poder se manifesta nas relações entre os indivíduos, um movimento que circula como uma rede, uma cadeia em movimento; “em outras palavras, o poder transita entre os indivíduos, não se aplica a eles” (FOUCAULT, 2005, p. 35).

(...) quem exerce o poder? Onde o exerce? Atualmente se sabe, mais ou menos, quem explora, para onde vai o lucro, por que mãos ele passa e onde ele se reinveste, mas o poder... Sabe-se muito bem que não são os governantes que o detêm. Mas a noção de "classe dirigente" nem é muito clara nem muito elaborada. "Dominar", "dirigir", "governar", "grupo no poder", "aparelho de Estado", etc.. é todo um conjunto de noções que exige análise. Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de revezamentos e até que instâncias, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui. (FOUCAULT, 2012b, p. 138).

Assim, podemos entender a partir de Foucault, que a dominação do Estado para obter sucesso necessita estender suas relações, em que, pais e crianças, alunos e professores, generais e soldados são microestruturas de poder que permitem ampliar o domínio do Estado. A expansão da estrutura do Estado não atinge sozinha todos os níveis da sociedade, depende dos diferentes métodos de técnicas de poder que se somam como uma série de procedimentos de força de poder. Em toda parte da sociedade se encontra a manifestação de luta, de resistência a manifestação de uma relação de poder, onde quanto maior a resistência maior a força daquele que tenta se manter no poder.

Conforme Foucault (2012a, p. 262) destaca, nos últimos anos: “a sociedade mudou e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes.” Na disciplina que o autor estudou na França, discute o desenvolvimento

da sociedade industrial, as redes de relações de poder entram em crise, pois, para ele, o controle do comportamento dos corpos encontram dificuldades de se manter.

Consequentemente, Foucault esclarece sobre as mudanças de comportamentos entre os indivíduos que enfraquecem o controle social das relações da sociedade disciplinar. Os métodos de controle e técnicas são diferentes entre as camadas sociais em diferentes épocas. A rede de relações de poder aos poucos se modifica, não se pode pensar na existência de poder contra o não poder, e sim no potencial de resistência alterando a relação de poder entre as partes envolvidas.

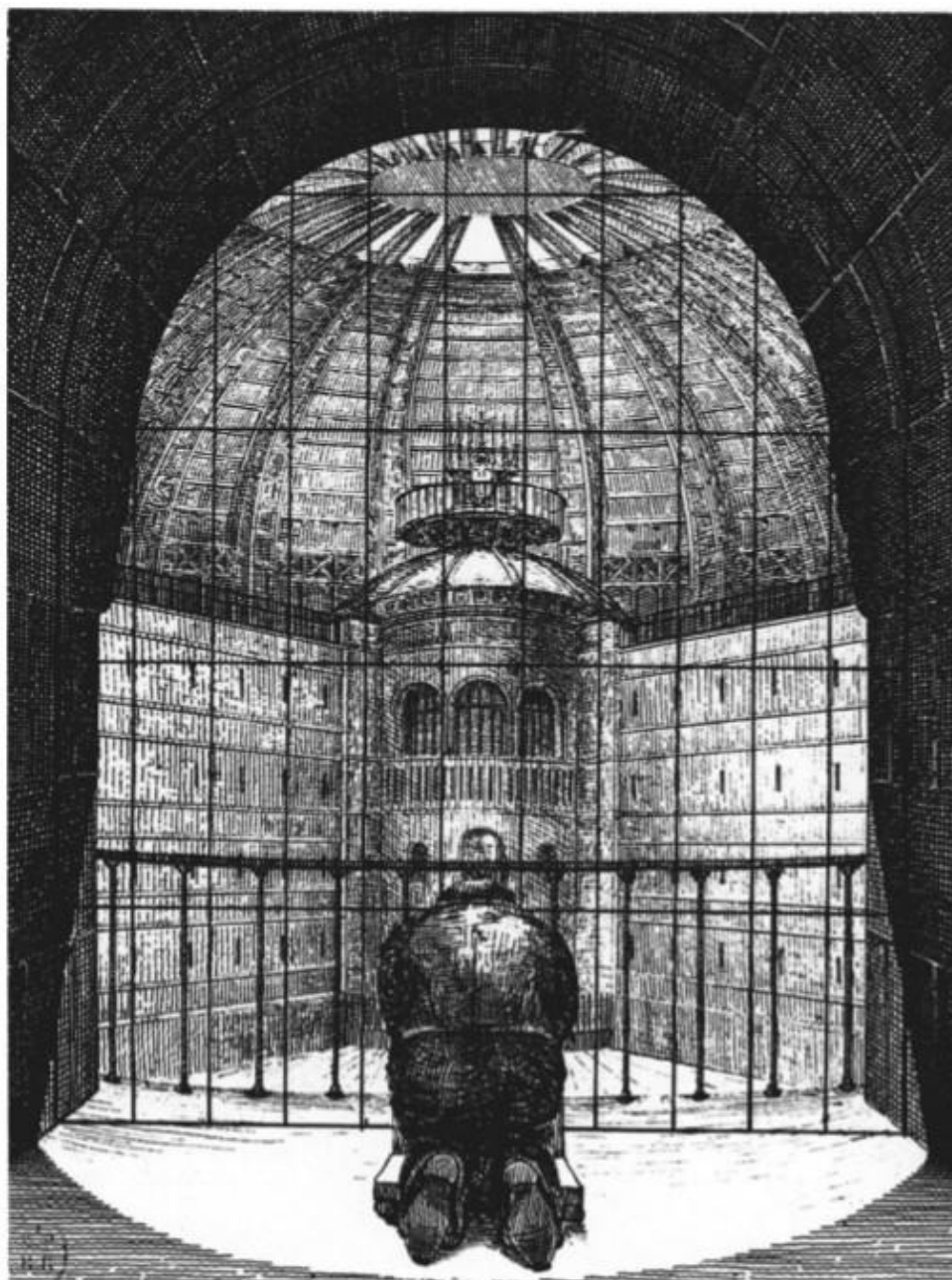
Deste modo, a dominação do Estado inicia seu enfraquecimento na intimidade das relações sociais, aos poucos transformações internas vão se desenvolvendo alterando as relações de poder; “se queremos mudar o poder do Estado, é preciso mudar as diversas relações de poder que funcionam na sociedade” (FOUCAULT, 2012a, p. 262).

Entretanto, Foucault intitula como sociedades disciplinares as que abandonaram o regime de relação soberano/súdito, mas sim adotaram o sistema panóptico, explorando mais tempo e trabalho dos corpos, fundamental para implantar o capitalismo industrial. A supervisão social para submissão do indivíduo aos instrumentos de vigilância e controle agora tem o poder disciplinar como soberano.

O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1983, p. 184).

A norma passou a ser soberana, a força de poder não está centralizada e sim espalhada pelas instituições. A disciplina passou a ser a nova modalidade de poder nas instituições disciplinares, nas quais todos aqueles que estavam à margem da sociedade estavam submetidos aos cuidados e vigilância dos corpos dos indivíduos. O objetivo era o adestramento e a docilização dos corpos: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1983, p. 126).

Figura 1 - Projeto de penitenciária, um detento, em sua cela, reza diante da torre central de vigilância.



Fonte: N. Harou-Romain, 1840, p. 222, *apud* FOUCAULT, 1983.

A sociedade disciplinar busca a socialização dos corpos gerando senso de autovigilância através do panoptismo, a alegoria do panóptico de Jeremy Bentham sendo usada nos estudos e propagação da vigilância e controle. A necessidade do encarceramento dos corpos promove indivíduos produtivos, submissos para serem úteis. Essa sujeição era obtida buscando conhecimento e controle da tecnologia política dos corpos, proporcionada pelo panoptismo, o qual acompanha a localização dos corpos, a regulamentação do controle do tempo e assim torná-los dóceis e úteis à sociedade.

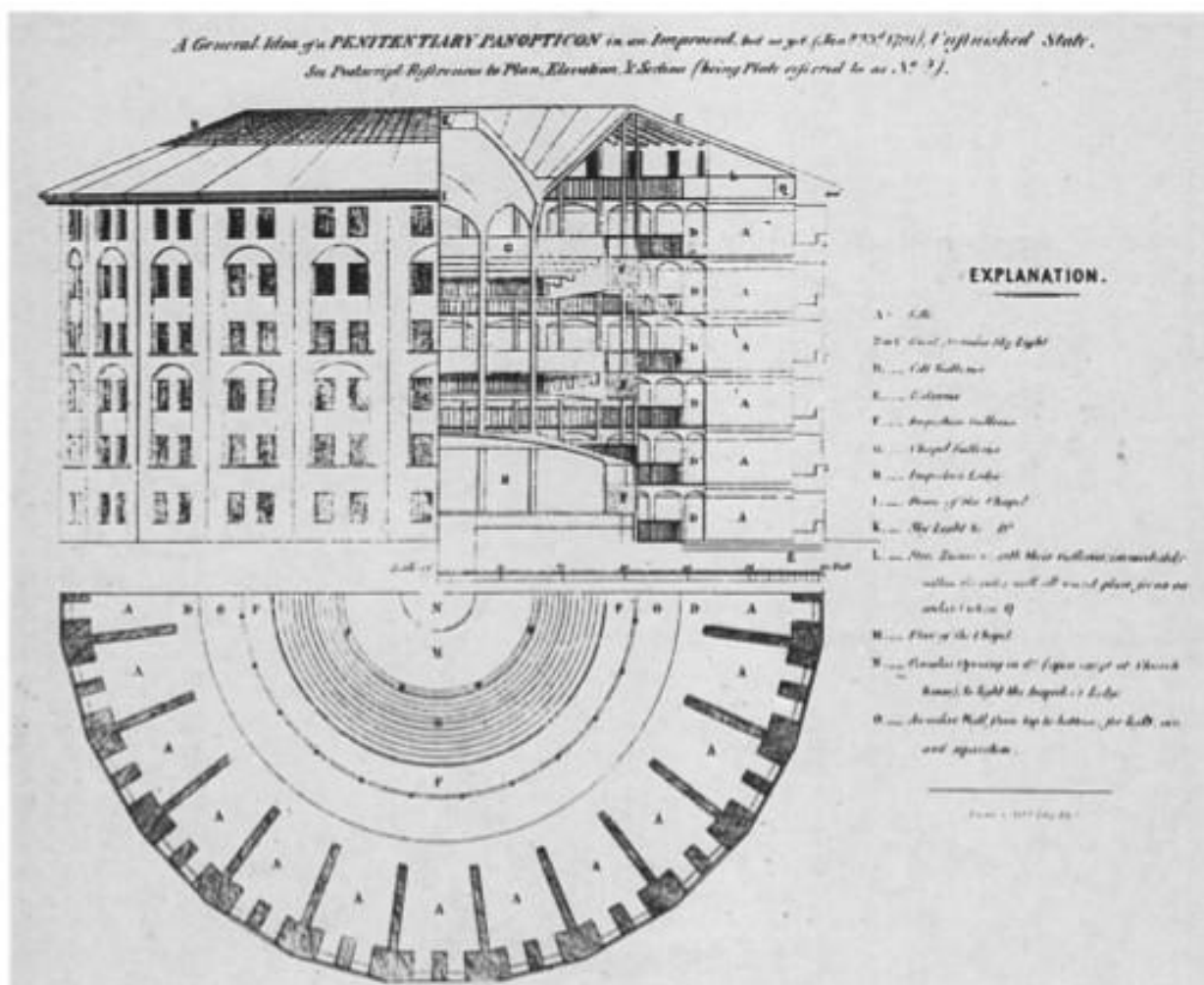
Bentham (2000), filósofo e jurista inglês, idealizou, em 1786, o princípio da prisão perfeita, o Panóptico, suprimindo a demanda de se punir menos e vigiar mais. O projeto de Bentham foi inspirado em um edifício planejado pelo seu irmão, Samuel Bentham, chamado de Casa de Inspeção ou Elaboratorio, que tinha o objetivo de manter uma supervisão central, disciplinando e treinando os trabalhadores não qualificados em fábricas, fazendas, entre outros. Com o passar dos anos o conceito de panoptismo ganha força e ramificações, ampliando-se em diversas instituições, sendo replicado em escolas, prisões, hospícios, hospitais, dentre outros. A ideia era que um vigilante poderia observar todos os vigiados, sem que eles soubessem que estavam sendo observados.

O fato de os prisioneiros terem dúvidas se estavam sendo observados, proporciona disciplina pelo receio de serem punidos pelo olhar de quem vê, sem ser visto. A arquitetura da torre de vigilância possuía janelas que dificultavam a identificação do observador, sem a necessidade de diversos vigias. Um dispositivo econômico, e ao mesmo tempo causador de uma sensação de um olhar onipresente, uma vigilância permanente para melhor controle dos corpos.

O Panóptico é a arquitetura sugerida no texto de Bentham, como modelo de princípio de inspiração de ferramenta de poder para o controle de vigilância virtual. Jeremy Bentham descreve o Panóptico em trocas de cartas, da seguinte forma:

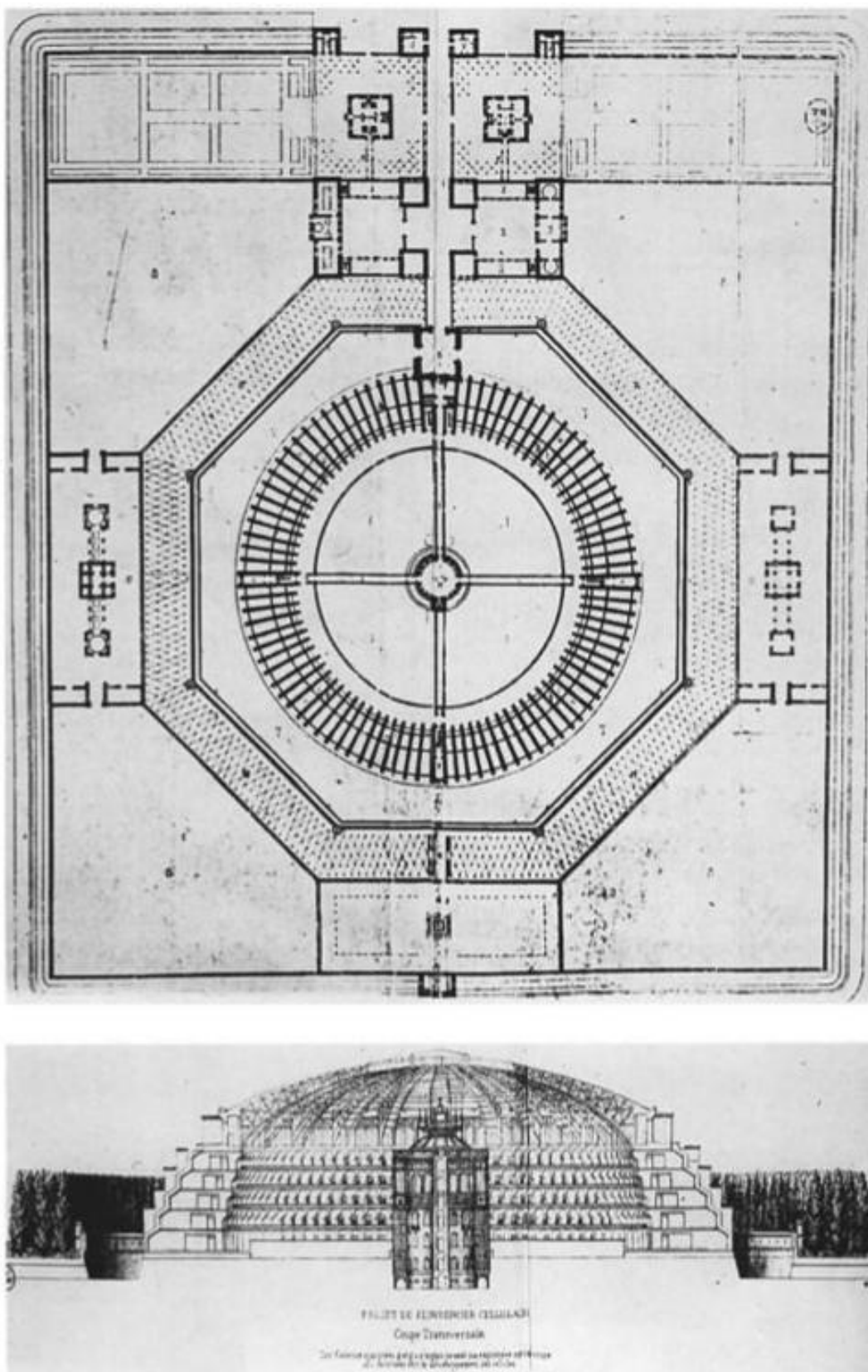
O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser de celas. Essas celas são separadas entre si e os prisioneiros, dessa forma, impedidos de qualquer comunicação entre eles, por partições, na forma de raios que saem da circunferência em direção ao centro, estendendo-se por tantos pés quantos forem necessários para se obter uma cela maior. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor (BENTHAM, 2000, p. 20).

Figura 2 - Planta do Panopticon.



Fonte: J. Bentham. Planta do Panopticon (The Works of Jeremy Bentham, ed. Bowring, t. IV, p. 172-173). V. p. 177, *apud* FOUCAULT, 1983.

Figura 3 - Projetos de penitenciárias



Fonte: N. Harou-Romain, 1840. V. p. 222, *apud* FOUCAULT, 1983.

Michel Foucault atribui o conceito de panoptismo ao funcionamento arquitetônico deste edifício. A relação de poder tem como solução o controle que atua nos indivíduos indisciplinados, melhorando a relação do poder opressor. A eficácia do projeto de vigilância também depende da observação comportamental para evitar despesas e prejuízos ao Estado. Funcionando com ou sem os guardas nas torres, todos que estão nas celas não têm a visão da cela ao lado, da torre central só se enxerga a silhueta dos vigilantes, situação que não garante que realmente estão na torre, podendo ser usado objetos simulando a silhueta dos guardas. Foucault descreve desta forma:

Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia (Foucault, 1983, p. 177).

As arquiteturas de poder no final do século XVIII, encontram novos objetivos, agora com interesses no âmbito econômico e político, pois já vinham atendendo a necessidade de expressar poder, força, representando-se em grandes templos, igrejas e palácios.

Esta organização e classificação é uma manifestação do poder disciplinar, porque através da disciplina tenta evitar a transmissão e multiplicação de um mau, e através do poder hierárquico controla em todos os momentos os cidadãos.

A partir do século XIX Foucault considera o nascimento da sociedade disciplinar, que se disseminou em instituições como escolas, prisões, hospitais, fábricas, todas essas instituições com um denominador comum que é o monitoramento dos indivíduos baseado no modelo panóptico.

O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver constantemente e reconhecer de imediato. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; ou melhor, das suas três funções – encerrar, privar de luz e esconder –, só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A luz e o olhar de um vigia captam melhor que a escuridão, que antes protegia. A visibilidade é uma armadilha (FOUCAULT, 1983, p. 177).

Figura 4 - Interior da penitenciária de *Stateville*.



Fonte: Stateville, Estados Unidos, século XX. V. p. 222, *apud* FOUCAULT, 1983.

Foucault chama de panoptismo qualquer figura arquitetônica – sistema de vigilância que funciona como uma armadilha. O funcionamento do poder é automático e o mecanismo facilmente assumido e controlado por qualquer indivíduo. Seguindo o pensamento de Foucault, o modelo panóptico tem uma qualidade superior em comparação com outros modelos de controle social, pois permite melhorar a aplicação do poder, uma vez que a capacidade das pessoas que exercem é reduzida, multiplica o número daqueles sobre quem o poder é exercido.

O filósofo francês Gilles Deleuze (1992) intensifica a compreensão da superação da sociedade disciplinar através de Foucault, com o surgimento da sociedade de controle, o confinamento, para Deleuze, não seria mais usado, o controle seria contínuo e instantâneo. Coleiras eletrônicas são usadas, alterando a relação de poder nos sistemas de informação, não existindo mais a hierarquia e sim a divisão, dissipação do poder na rede (*web*)¹.

¹ A expansão da rede mundial de computadores, a *web* ou “WWW - Abreviação de World Wide Web [...] pode ser descrita como um sistema de hipermídia# para recuperação de informação através da internet” (LÉVY, 1999, p. 269), as informações da *web* são interconectadas através de *links*. Em escala mundial a

Baseadas no confinamento, as sociedades disciplinares controlam o indivíduo desde o início de sua existência. Inicia na família, passa pelo período escolar, depois pela fábrica, e eventualmente passa pelo hospital ou prisão.

Porém, após a Segunda Guerra Mundial, a sociedade disciplinar inicia um período de crises em todos os meios de confinamentos, “por exemplo, na crise do hospital como meio e confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades” (DELEUZE, 1992, pg. 220). Porém a sociedade de controle nesse período não elimina a sociedade disciplinar, surgem para complementar.

A generalização de uma crise no sistema de enclausuramento apresentado como uma operação fundamental no regime disciplinar, somado à divisão estratégica de espaços físicos e controle de tempo de trabalho; “são as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares” (DELEUZE, 1992, p. 220).

No sistema de vigilância das fábricas existia um controle do patrão ao indivíduo na massa trabalhadora, sendo que na sociedade de controle as fábricas vêm sendo substituídas, agregadas às empresas, essas que promovem a competitividade entre os funcionários. Sobre isso, diz Deleuze:

O princípio modulador do "salário por mérito" tenta a própria Educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame (DELEUZE, 1992, p. 221, grifo do autor).

A chegada de um novo modelo de sociedade não anula a sociedade disciplinar, as lacunas manifestadas em espaços sem limites definidos – a rede –, fornecendo um sistema de dívida impagável, onde o indivíduo não consiga terminar coisa alguma. O sistema de controle de coleta dados, esses que precisam ser rastreados para serem analisados e gerar estudos de padrões de comportamento: “os indivíduos tornaram-se” individuais, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou bancos” (DELEUZE, 1992, p. 222).

As máquinas utilizadas em cada sociedade ilustram seus comportamentos, como na sociedade soberana a qual apresentava o uso de alavancas, relógios, máquinas simples, controle simples, na sociedade disciplinar trabalhavam com

máquinas energéticas, dependentes da força do corpo humano, de controle do corpo para não parar o sistema fabril. Na sociedade de controle as máquinas são informatizadas, onde boa parte da mão de obra foi substituída pela informática de serviços. Conforme Deleuze aponta, o capitalismo nesse modelo de sociedade prioriza mais o produto do que a produção, focado no serviço de vendas. O controle segue ilimitado, contínuo por indivíduo supostamente endividado e não mais confinado. “As conquistas do mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção” (DELEUZE, 1992, p. 224).

A sociedade disciplinar apresenta-se em uma estrutura vertical e hierárquica de informações de controle ou vigilância. As informações são adquiridas da configuração de compartimentação do indivíduo como estratégia disciplinar, onde cada instituição obtém informações particulares do indivíduo nesse espaço físico específico.

Segundo Foucault (1983), a prática do panoptismo, no sistema disciplinar, polariza a relação de poder no convívio dos vigiados e vigilantes, os primeiros são forçados a exibir seus corpos para aproximação da observação, o segundo não exibem seus corpos ocultados pelo panótico.

Compreendemos que a busca de uma maior transparência do poder acaba na sociedade de controle, pois com atuação da *web* oferece a liberdade de expressão e democratização da informação, proporcionando maior mobilidade dos indivíduos. O poder se dissemina na rede virtual, atuando horizontalmente e cada vez mais invisível, onde a antiga verticalização do poder provocava a tentativa de entender quem preenche esse lugar de poder. A ideia de identificar o poder está cada vez mais longe do formato na sociedade de controle, onde as relações de poder estão dissolvidas e, por isso, onipresentes.

Essas relações atuam nas redes virtuais sobre o controle de informações, de comunicação, adquirindo conhecimento e modulando a sociedade de forma contínua, alimentando, assim, os estudos de padrões de comportamento. Desse modo, ocorrem mudanças na maneira de vigiar entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, a primeira conduz o confinamento, observando o movimento físico do indivíduo, a segunda opera em um espaço virtual. A vigilância agora observa o movimento de troca de mensagens, troca de comunicações na rede virtual (*web*), o objetivo agora está nas informações, em entender o modo como são operadas.

Todas as empresas com sistemas virtuais se preocupam com o controle da dinâmica da comunicação com seus usuários em que são tão mais importantes, quanto a trajetória física do indivíduo vigiado. A possibilidade de uma dinâmica de vigilância generalizada muda todo o cenário no âmbito virtual, um controle multilateral se forma entre os usuários da rede virtual, com empresas e indivíduos observando-se entre si.

CAPÍTULO 2 - MANIFESTAÇÃO DO PANÓPTICO DIGITAL

Conceber a ideia de um panoptismo digital é acompanhar o avanço do crescente processo de digitalização das relações no mundo em uma rede interconectada com tudo e todos. A manifestação de um panóptico digital nasce junto à necessidade de manter o controle social em um novo espaço, com novas linguagens e técnicas de comunicação.

Digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números. Quase todas as informações podem ser codificadas desta forma. Por exemplo, se fizermos com que um número corresponda a cada letra do alfabeto, qualquer texto pode ser transformado em uma série de números (LÉVY, 1999, p. 52).

Culturas em torno do mundo consolidam-se em uma rede digital. Nessa conformidade de uma inclusão digital, a sociedade incorpora uma cultura globalizada em um novo espaço, difundindo-se com “a copresença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional” (LÉVY, 1999, p. 49). Um panóptico digital tem relações com novas espécies de mensagens, no formato digital, interagem socialmente entre espaços físicos e digitais difundindo o mundo virtual.

A palavra "virtual" pode ser entendida em ao menos três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico [...] Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tendem a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente presente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade. Mas no uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade — enquanto a "realidade" pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível (LÉVY, 1999, p. 49, grifo do autor).

A virtualização tem como base técnica a digitalização, a qual mantém seus princípios e funções. Seguindo no sentido filosófico da definição do virtual, não encontramos confronto diante da realidade, a oposição está entre virtual e atual: “virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja, ainda, atual)” (LÉVY, 1999, p. 49).

Retratar o panoptismo digital é descrever o ambiente onde circulam as informações digitais, lugar denominado por Pierre Lévy como ciberespaço, “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos

computadores (...) transmitem informações provenientes de fontes digitais" (LÉVY, 1999, p. 94). Tudo que for produzido no ciberespaço pertence à cibercultura, onde novos costumes vão sendo desenvolvidos dentro da rede de informações digitais.

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17, grifo do autor).

Na obra "No Enxame" (2018a), Byung Chul Han propõe discutir sobre a mediação do sujeito no ambiente digital, entender como as relações de poder se manifestam por meio do excesso de informações fornecidas voluntariamente junto aos sujeitos digitalizados. Para entender a nova massa de sujeitos no mundo virtual, Han aproxima a metáfora do enxame, a qual se refere a aglomeração de muitos, como em uma massa, mas agora os sujeitos estão singularizados.

Han pretende identificar o comportamento do sujeito digital, aquele que se movimenta como um enxame de abelhas, traz a analogia para melhor entendimento da ideia do sujeito que sente-se livre da coerção industrial e não percebe que nunca deixou de ser um sujeito domesticável. O sujeito digitalizado sente-se livre, não percebe a atuação dos novos sistemas de vigilância, porém movimenta-se na *web* como em um enxame de abelhas, agrupando-se rapidamente para atacar algo de interesse comum a de seus pares, com a mesma intensidade afasta-se para a individualidade, característica de quem não pertence às massas.

Han alerta sobre a possibilidade de transitar no mundo virtual anonimamente, postura que enfraquece as relações de poder, pois "anonimidade e respeito se excluem mutuamente" (2018a, p. 9). A falta de clareza no relacionamento pode causar problema entre remetente e destinatário, desintegrando gradativamente o poder.

A superexposição na *web* também causa múltiplos problemas entre as relações de poder. Com a vida privada sendo revelada em excesso, o mundo virtual causa aproximação dos olhares. No âmbito digital, proporciona "falta total de distância, na qual a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público [...] a comunicação

digital desconstrói a distância de modo generalizado. A desconstrução da distância espacial acompanha a erosão da distância mental” (HAN, 2018a, p. 8), a quebra de privacidade voluntária que a comunicação digital faz propicia: “a falta de distância leva a que o privado e o público se misturem” (2018a, p. 8).

Devemos tomar cuidado com o poder na mídia de comunicação, não permitir perder o respeito nas relações de poder, “assim, mesmo um detentor de poder pode ter respeito por um subalterno do poder” (HAN, 2018a, p. 11), o respeito exige distância e o reconhecimento recíproco.

Claramente, encontramos-nos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o enxame digital. Ela apresenta propriedades que a distinguem radicalmente da clássica formação dos muitos, a saber, da massa (HAN, 2018a, p. 15).

Desde então, Han sugere que o Enxame Digital seja a transformação da organização das massas, o sujeito não está mais organizado no âmbito de uma vigilância apenas física, mas complementa-se com um controle digital. Não são mais organizadas com propriedades de uma massa, as quais eram unificadas em uma só estrutura; “o enxame digital consiste em indivíduos singularizados” (HAN, 2018a, p. 16).

Por não se organizar mais em massa, o sujeito digital perde sua força de lutar como uma unidade, por um objetivo comum, defender-se de um opressor comum. Perdendo cada vez mais a característica como massa ataca “frontalmente a relação de poder existente. É primeiramente a massa decidida por uma ação comum que gera o poder. A massa é o poder. Falta aos enxames digitais essa decisão” (HAN, 2018, p. 17).

A mídia digital articula informações com temporalidade de um presente imediato. Existe a possibilidade de produção de informações sem mediadores, em que a mídia dissolve-se, os consumidores não são mais passivos para informações; “a mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos” (HAN, 2018a, p. 21). O rompimento da dependência com os mediadores de informações, fez com que as relações de poder no âmbito digital demandem mais transparência de quem participa. Como exemplo, cita Han:

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir

informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação (HAN, 2018a, p. 21).

Retornamos para Michel Foucault, e seu conceito de panoptismo, para entender a inovação indicada por Han: o panoptismo digital, com características mais eficientes que o panóptico de Bentham. O primeiro, tem o panóptico como ferramenta de vigilância, o qual isolava prisioneiros para não comunicarem-se uns com os outros, o segundo; “em contrapartida, se conectam e se comunicam intensamente uns com os outros. Não o isolamento espacial e comunicativo, mas sim a conexão e a hipercomunicação que tornam o controle total possível” (HAN, 2018a, p. 66). Em uma sociedade da transparência, em âmbito digital tudo se torna rastreável, as informações do comportamento digital ficam registradas no *Big Data*², onde os habitantes do panóptico digital não são mais tratados como prisioneiros.

Eles abastecem o panóptico digital com informações que eles emitem e expõem voluntariamente. A autoexposição é mais eficiente do que a exposição por meio de outro. Aí reside um paralelo com a autoexploração. A autoexploração é mais eficiente do que a exploração por outro porque ela é acompanhada do sentimento de liberdade. [...] onde, então, o medo de ter de abdicar de sua esfera privada e íntima dá lugar à carência de se colocar desavergonhadamente à vista, ou seja, onde a liberdade e o controle são indistinguíveis (HAN, 2018a, p. 66).

HAN descreve a exigência de transparência na qual a relação digital produz no panoptismo digital, onde as informações privadas são compartilhadas. “Empresas como o *Facebook* ou o *Google* [...] expõem a nossa vida para conseguir capital em troca das informações espionadas”. Existe a otimização de recursos para todos os habitantes do panóptico digital vigiarem uns aos outros, à vista disto; “firmas espionam os seus funcionários. Bancos examinam a fundo potenciais clientes de crédito” (2018a, p. 66).

²Big Data não é apenas um produto de *software* ou *hardware*, mas um conjunto de tecnologias, processos e práticas que permitem às empresas analisarem dados a que antes não tinham acesso e tomarem decisões ou mesmo gerenciarem atividades de forma muito mais eficiente (TAURION, 2012, p. 32).

Figura 5 - Ilustração Steve Cutts



Fonte: Página do Steve Cutts³

No panoptismo digital o atributo do controle por empresas de *Big Data* se tornou tão alto que são capazes de colaborar com investigações secretas do Estado. Acumulam tanta informação suficientes para saber mais da gente do que nós mesmos. Para Han (2018a, p. 67), “o Estado e o mercado se fundem cada vez mais”, explorando ao máximo as informações trilhadas pelos algoritmos feitos nas relações na *internet*. As operações digitais otimizam a sociedade de controle; “somos observados, desse modo, também pelas coisas que usamos todo dia” (2018a, p. 67). Deleuze aponta a característica de adaptação do conceito do panoptismo descrita por Foucault, reforçando assim o quanto podemos relacionar ao panóptico digital descrito por Han:

Quando Foucault define o Panoptismo, ora ele o determina concretamente, como um agenciamento óptico ou luminoso que caracteriza a prisão, ora abstratamente, como uma máquina que não apenas se aplica a uma matéria visível em geral (oficina, quartel, escola, hospital, tanto quanto a prisão), mas atravessa geralmente todas as funções enunciadas. A fórmula abstrata do Panoptismo não é mais, então “ver sem ser visto”, mas impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer (2005, p. 43).

³ Disponível em: <https://www.stevecutts.com/>. Acesso em 07 mar 2022.

Os algoritmos alimentam a óptica de um panoptismo digital, considerando seu trabalho em conjunto com interfaces gráficas, *hardwares* de sistemas de redes, registrando em linguagem digital o comportamento dos usuários de diversas redes digitais computacionais. Em tudo que fazemos na vida, geramos dados de algoritmos, cada tarefa realizada apresenta-se como um conjunto de etapas, quando convertemos para registros digitais.

Portanto, um algoritmo é uma sequência de etapas computacionais que transformam a entrada na saída. Também podemos considerar um algoritmo como uma ferramenta para resolver um problema computacional bem especificado. O enunciado do problema especifica em termos gerais a relação desejada entre entrada e saída. O algoritmo descreve um procedimento computacional específico para se conseguir essa relação entre entrada e saída (CORMEN, 2012, p. 17).

Desta forma, a manutenção de poder requer informações que estão no mundo virtual, as quais agora estão em formato de algoritmos. Atualmente, mega corporações de tecnologia dominam o acesso de banco de dados das operações virtuais executadas com nossos equipamentos digitais. Os monopólios das informações geram capital, dados dos usuários são usados para o *marketing* no comércio digital, a maior parte desses dados estão com *Amazon, Google e Facebook*.

A incrível quantidade de dados acumulados estão relacionados a hábitos e preferências. Todo nosso comportamento no mundo virtual é vigiado, registrado em formato de algoritmos. Em troca de comodidade, segurança o sujeito virtual troca sua privacidade por vigilância constante, dando oportunidade para empresas manipularem nossos pensamentos, determinando nossas escolhas de leitura, compras e opiniões.

A *Google* exerce um panoptismo digital em nível mundial, acumulando dados de todo o planeta, treinando: “algoritmos para encontrar padrões, ensiná-los a discernir imagens e entender línguas” (FOER, 2018, p. 40). Trabalhando com inteligência artificial a *Google* articula para que os algoritmos cheguem nos resultados solicitados, através da ferramenta de busca. Cruzando as informações observadas o panóptico digital aproxima-se cada vez mais dos nossos pensamentos, sugerindo resultados antes mesmo do término da digitação do assunto a ser pesquisado. Sendo assim, cada vez mais; “os algoritmos replicam o processamento de informações do cérebro e seus métodos de aprendizagem” (FOER, 2018, p. 55).

O *Facebook* “foi desenvolvido para automatizar o pensamento, tirar decisões difíceis das mãos dos seres humanos e resolver debates conflituosos” (FOER,

2018, p. 65), procedimentos que passam despercebidos dos usuários do ciberespaço. O *Facebook* tem como principal dispositivo de poder, os algoritmos, automatizando pensamentos, decisões e conflitos de humanos, sabe-se de onde vem e vai cada origem de pensamento, mas como funcionam como motores de busca, suas engrenagens ainda não possuem um viés intuitivo ou emotivo.

Os algoritmos podem ser manifestações incríveis de raciocínio lógico, além de uma fonte de comodidade e fascínio. Conseguem rastrear, em poucos milissegundos, exemplares de livros obscuros do século XIX; nos colocam em contato com amigos da escola que não víamos há tempos; e permitem que varejistas nos entreguem encomendas em nossa porta num piscar de olhos. Muito em breve, conduzirão veículos autônomos e localizarão cânceres em crescimento nas nossas vísceras. Mas para fazer tudo isso, os algoritmos estão o tempo todo nos avaliando. Tomam decisões sobre nós e em nosso nome. O problema é que quando terceirizamos o raciocínio para as máquinas, na verdade estamos terceirizando o raciocínio para as organizações que operam as máquinas (FOER, 2018, p. 65).

O panoptismo digital é tão poderoso ao manifestar seus algoritmos invisíveis; “mas em geral conseguimos sentir sua presença – a sensação de que em algum lugar distante estamos interagindo com uma máquina” (FOER, 2018, p. 73), interpretando os movimentos virtuais da massa, como também hábitos pessoais dos usuários virtuais.

Aos poucos muitas atividades humanas estão perdendo espaço para as máquinas digitais, inclusive o controle social avança com a vigilância, colaborando para os algoritmos: “corroer o livre-arbítrio e aliviar os seres humanos do fardo da escolha, empurrando-os na direção certa” (FOER, 2018, p. 77). A direção é realizada por empresas dominantes do mercado digital, megacorporações de tecnologia oferecem serviços gratuitos para terem em troca o histórico de nossos comportamentos virtuais. Cada vez o panoptismo digital cerca os usuários para enriquecer o banco de dados dos algoritmos, conforme exemplifica Foer (2018, p. 105):

A tecnologia foi o que fez com que a Amazon e o Google se saíssem bem nos pontos em que a geração anterior de conglomerados falhou. De forma orgânica, elas contêm uma profusão de mídias, todas profundamente integradas dentro de um negócio coerente. Livros, televisão e jornal estão a um clique de distância das páginas iniciais dessas empresas. A Amazon não cria apenas programas de televisão e publica livros; ela é o canal de vendas que todas as demais empresas de mídia precisam usar para atingir um público maior; fabrica dispositivos que nenhum editor e poucos estúdios de cinema podem se dar ao luxo de ignorar. A empresa quer que tenhamos todo o leque de experiências midiáticas – visual, sonora e lexical – num único lugar: a sua plataforma.

Para Foer (2018, p. 202), a cibercultura proporciona a interação mundial através da *web*, sendo: “uma extensão em tempo real dos acontecimentos no mundo, ao mesmo tempo estimulante e exaustiva”. O panóptico digital amplia-se por todo o espaço virtual em que nossos passos estão sendo vigiados. A *Amazon* por exemplo, “rastrea todo movimento que acontece em seus e-books. Usa os dados que capta dos *Kindles*⁴ para prever a eficácia comercial dos livros que vende” (2018, p. 203), movimentos simples são vigiados durante as leituras de textos digitais, existe o rastreamento: “passagens que a gente sublinha e compartilha essas marcações com os demais leitores” (2018, p. 203), todas são captadas para um *Big Data*.

As empresas que utilizam-se dos benefícios de um projeto de *Big Data*, apresentam-se com postura de um panóptico digital. Vigiam, coletam dados para a manter projetos de vigilância. Um *Big Data* utiliza-se do gerenciamento de informações que estão armazenadas ou em movimento, entre blocos de servidores. Cada projeto de *Big Data* é capaz de processar: “imensos volumes de dados que estão armazenados em centenas ou milhares de servidores” (TAURION, 2013, p. 84), físicos e digitais.

A primeira fase de um processo de *Big Data* é a coleta de dados. Volume e variedade são suas características. Estamos falando de coletar dados de sistemas transacionais, de comentários que circulam nas mídias sociais, em sensores que medem o fluxo de veículos nas estradas, em câmeras de vigilância nas ruas e assim por diante. Cada negócio tem necessidade de coletar dados diferentes (TAURION, 2013, p. 36).

As observações do panoptismo digital alcançaram a *psyché* da população, requalificando o controle social, quebrando o paradigma do conceito de biopoder⁵. A articulação de dados particulares coletados pelo *Big Data* gera a capacidade de uma psicopolítica⁶ com uma leitura de modelos de comportamento. Desta forma,

⁴ *Kindle* é o nome do leitor de livros digitais da *Amazon*, também conhecido como um dispositivo “*e-reader*”. Trata-se de um aparelho com tela *e-link* que até consegue fazer mais, mas sua principal função é a de exibir livros digitais, os famosos “*ebooks*”.

BRASIL, Neli Patel. *Olhar Digital*, jan 2022. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2019/04/26/carros-e-tecnologia/qual-kindle-comprar-diferencas-qual-e-melhor/>. Acesso em: 09 mar 2022

⁵ A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. Desenvolvimento rápido, no decorrer da época clássica, das disciplinas diversas - escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecimento, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações. Abre-se assim, a era de um “*bio-poder*” (FOUCAULT, 1999, p. 132)

⁶ A virada para a psique e, em consequência, para a psicopolítica, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual, pois ele é determinado por modos imateriais e incorpóreos. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas. O corpo como força produtiva não é mais tão central

podemos atualizar o conceito de biopoder para psicopoder; “o controle biopolítico abrange, porém, apenas fatores externos como reprodução, taxa de mortalidade ou estado de saúde. Ele não está em posição de penetrar ou intervir na *psyche* da população” (HAN, 2018a, p. 69).

O Estado e todas as instâncias do mercado, desde o trabalho ao consumo, projetam-se por meio de um controle sociopolítico para explorar o sujeito que entrou no mundo da psicopolítica digital. Han afirma: “o psicopoder é mais eficiente do que o biopoder na medida em que vigia, controla e influencia o ser humano não de fora, mas sim a partir de dentro” (2018a, p. 71). A vigilância digital altera as relações de poder para comportamentos sutis, atrelados a controles psicológicos, manipulando, explorando os perfis dos sujeitos que trafegam pelo panóptico digital e passam pela óptica da psicopolítica.

O Biopoder é um conceito criado por Foucault para demonstrar a prática de controle dos corpos dos Estados modernos em relação aos sujeitos (cidadãos) e da população em geral. Han entende que: “a biopolítica está fundamentalmente associada ao biológico e ao corporal [...] trata-se de uma política dos corpos” (2018b, p. 39). No entanto, quando o neoliberalismo incorpora na sociedade, surge a necessidade de uma otimização mental; “o corpo como força produtiva não é mais tão central na sociedade disciplinar biopolítica” (2018b, p. 40), a produção necessita de “objetos intangíveis, como informações e programas” (2018b, p. 40).

A biopolítica é uma técnica de governança da sociedade disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a psique. A biopolítica, que usa as estatísticas demográficas, não possui acesso ao psíquico. Ela não fornece um psicograma da população. A demografia não é uma psicografia; não explora a psique. Aí reside a diferença entre a estatística e o *big data*. A partir do *big data* é possível extrair não apenas o psicograma individual, mas o psicograma coletivo, e quem sabe até o psicograma do inconsciente, isso permitiria expor e explorar a psique até o inconsciente (HAN, 2018b, p. 35).

Utilizando o uso de métodos opressores, recorrendo a um poder inteligente e sedutor, “o sujeito digitalizado e conectado é um pan-óptico de si mesmo” (HAN, 2018b, p. 85). A partir do crescimento constante do *Big Data*, inicia-se a era da psicopolítica digital, com o domínio de todo o histórico comportamental de sujeitos digitais em mãos, o controle será mais eficiente em relação ao controle das massas.

como na sociedade disciplinar biopolítica. Em vez de superar resistências corporais, processos psíquicos e mentais são otimizados para o aumento da produtividade. O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental (HAN, 2018b, pg. 40).

Hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os big data são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo (HAN, 2018b, p. 23).

As reflexões apontadas por Han referente às técnicas da psicopolítica já apresentavam indícios do disciplinamento mental incorporado no disciplinamento corporal desde a época do suplício: “Trata-se de recolocar as técnicas punitivas — quer elas se apossam do corpo no ritual dos suplícios, quer se dirijam à alma — na história desse corpo político” (FOUCAULT, 1983,pg. 32). No entanto Foucault explorou reflexões em torno da *psyché* desde as técnicas de punição, detalhando os comportamentos individuais com a evolução dos instrumentos disciplinares: “As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento” (FOUCAULT, 1983, pg. 198).

CAPÍTULO 3 - DESTINO HISTÓRICO DO PANÓPTICO⁷

Neste capítulo, observamos as contribuições a qual Zygmunt Bauman (1999), aponta para o destino do panóptico de Bentham, atualizando tanto o panóptico foucaultiano, quanto o panóptico digital de Han. Durante análises do futuro do panóptico, Bauman especifica sobre a importância da contribuição de Foucault ao estudos sobre vigilância dos corpos; “uma metáfora da transformação moderna, da moderna redistribuição dos poderes de controle” (1999, p. 47). Porém, devemos considerar o quanto a sociedade contemporânea modificou suas relações de poder e junto a isso, a vigilância remodelou-se de acordo com o novo mundo virtual:

Tal como eu vejo, o pan-óptico está vivo e bem de saúde, na verdade, armado de músculos (eletronicamente reforçados, “ciborguizados”) tão poderosos que Bentham, ou mesmo Foucault, não conseguiria nem tentaria imaginá-lo; mas ele claramente deixou de ser o padrão ou a estratégia universal de dominação na qual esses dois autores acreditavam em suas respectivas épocas; nem continua a ser o padrão ou a estratégia mais comumente praticados. (BAUMAN, 2014, p. 42, grifo do autor).

Na obra “Globalização: as consequências humanas”, Bauman (1999) analisa o futuro histórico do Panóptico de Bentham, aponta o quanto o modelo foi usado para controle social, mas percebe indícios da escassez óptica para atender novas demandas de uma sociedade em que modifica seus comportamentos de forma abrupta e acelerada.

Desde a sociedade disciplinar o panóptico de Bentham conduz de forma competente a relação de poder persuasiva; “mantendo uma ameaça constante, real e palpável de punição” (Bauman, 1999, p. 47). Destinou-se aos “súditos acreditarem que em nenhum momento poderiam se esconder do olhar onipresente dos seus superiores, de modo que nenhum desvio de comportamento, por mais secreto, poderia ficar sem punição” (1999, p. 47).

A eficácia panóptica avançou para diversos regimes disciplinares, o poder panóptico de quem vê sem ser visto, preparou os sujeitos vigiados para uma certa autovigilância. Relembra Bauman: “o Panóptico não permitiria qualquer espaço privado; pelo menos nenhum espaço privado opaco, nenhum sem supervisão ou, pior ainda, não passível de supervisão” (1999, p. 47).

⁷ Expressão de Bauman na introdução em sua obra: Vigilância líquida.

Quando Bauman aponta os desafios contemporâneos do panoptismo foucaultiano compreende: “são diferentes e, na tarefa de enfrentar muitos deles, talvez os mais importantes, as estratégias panópticas ortodoxas, se perseguidas com vigor excessivo, quase certamente se revelariam irrelevantes” (1999, p. 48). Considerando o quanto a sociedade depende de recursos digitais, progressivamente todos nossos costumes estão se deslocando para *web*. Bauman (1999, p.48) retoma ao pesquisador de mídias contemporâneas Mark Poster, como o seu: “brilhante ensaio sobre os bancos de dados eletrônicos como uma versão ciberespacial atualizada do Panóptico”. Mark Poster aponta o indício do nascimento de uma espécie de panóptico digital, o chamado super panóptico, esclarecendo que em um mundo virtual, nossos corpos são amarrados informaticamente, estamos dentro da *web* armazenando informação para bancos de dados, lugar difícil de premeditar resistência.

A armazenagem de quantidades maciças de dados, ampliadas a cada uso de um cartão de crédito e virtualmente a cada ato de compra, resulta, segundo Poster, num “superpanóptico” — mas com uma diferença: os vigiados, fornecendo os dados a armazenar, são fatores primordiais — e voluntários — da vigilância (POSTER *apud* BAUMAN, 1999, p. 48).

Bauman recorda a importância do principal propósito do panóptico: manter “a disciplina e impor um padrão uniforme ao comportamento dos internos; o Panóptico era antes e acima de tudo uma arma contra a diferença, a opção e a variedade”. (BAUMAN, 1999, p. 48). Porém diante da demanda de empresas, bancos para obter clientes promissores, utilizam-se da ferramenta panóptica digital para observar os comportamentos de seus usuários digitais, pois o desempenho não é mais uniforme, é necessário analisar comportamentos voluntários para escolher quem permanece com credibilidade e descartar quem apresenta prejuízo.

A principal função do Panóptico era garantir que ninguém pudesse escapar do espaço estreitamente vigiado; a principal função do banco de dados é garantir que nenhum intruso entre aí sob falsas alegações e sem credenciais adequadas. Quanto mais informação sobre você contenha o banco de dados, mais livremente você poderá se movimentar (BAUMAN, 1999, p. 49).

Transitar no ciberespaço à vontade é atributo de quem não tem mais a presença física de vigilantes, porém sua conduta será registrada, armazenada e analisada; “ao contrário do Panóptico, o banco de dados é um veículo de mobilidade, não grilhões a imobilizar as pessoas” (BAUMAN, 1999, p. 49). Bauman escala outra óptica

referente ao destino histórico do panóptico, concebendo a transformação do poder panóptico para o conceito do sinóptico, retratado sociólogo do direito, Thomas Mathiesen: “de uma situação em que muitos vigiam poucos para uma situação em que poucos vigiam muitos?” (MATHIESEN *apud* BAUMAN, 1999, p. 49) além de ser uma ferramenta sedutora, o sinóptico confia a privacidade entre os usuários digitais:

O conceito é composto pelas palavras gregas “syn”, que remete a expressão “junto” ou ao mesmo tempo, e “opticon”, que, novamente, relaciona-se com “visual”. Pode ser usado para representar a situação em que muitos focam algo comum que se encontra condensado. Em poucas palavras, pode representar o oposto da situação em que poucos vigiam muitos (MATHIESEN, 1998, p. 82, grifo do autor).

A aplicação do panóptico está continuamente associada a alguma instituição ou estabelecimento físico, com a intenção de manter a ordem, imobilizar os súditos para evitar qualquer anormalidade, mantendo todos em posições em que possam ser vigiados. Afirma Bauman: “o Sinóptico não precisa de coerção — ele seduz as pessoas à vigilância. E os poucos que os vigilantes vigiam são estritamente selecionados” (1999, p. 50). Aos que são submetidos a antigos meios de comunicação de massa, tendências apontadas por Mathiesen, como televisão, rádio e a imprensa fazem um paralelo a vigilância em relação ao panoptismo foucaultiano. Porém, conforme Mathiesen: “Michel Foucault, em extenso livro que explícita ou implicitamente nos sensibiliza a todos a vigilância na sociedade moderna, não menciona a televisão” (1998, p.81). Nenhum meio de comunicação de massa foi uma ferramenta panóptica para Foucault, espectadores passivos dessas mídias, observam alguns sujeitos em destaque na sociedade, o qual Bauman aponta:

Os poucos que são observados são as celebridades. Podem ser do mundo da política, do esporte, da ciência, do espetáculo ou apenas especialistas em informação famosos. De onde quer que venham, no entanto, todas as celebridades exibidas colocam em exibição o mundo das celebridades — um mundo cuja principal característica é precisamente a condição de ser observado... por muitos e em todos os cantos do globo, de ser global na sua qualidade de observado. O que quer que falem quando estão no ar, passam a mensagem de um estilo de vida total (1999, p. 51).

Notamos o quanto a visibilidade se tornou uma armadilha, nossos próprios corpos tornaram-se panópticos pessoais; “a vigilância do desempenho 24 horas por dia, sete dias por semana, está se tornando plena e verdadeiramente, para os subordinados, uma tarefa do tipo “faça você mesmo”” (BAUMAN, 2014, p. 44). Somos

nossos próprios gerentes, nossos aparelhos de celulares representam o panóptico digital pessoal, empresas seguem controlando nossos passos; aos “empregados e a todas as outras variedades de subordinados foi atribuída a responsabilidade plena e incondicional de mantê-los em bom estado e garantir seu funcionamento ininterrupto” (2014, p. 44). Esses subordinados estão treinados para assumir autovigilância, tão bem quanto ao projeto de Bentham. Assim, Bauman (1999, p. 49) esclarece:

No exercício do poder, a vigilância substituiu o espetáculo. Nos tempos pré-modernos, o poder costumava impor-se ao *populus* deixando os plebeus observarem com espanto, medo e admiração a sua pompa, riqueza e esplendor. O novo poder moderno preferia ficar na sombra, observando os súditos, em vez de ser observado por eles. Mathiesen censura Foucault por não dar a devida atenção ao processo moderno paralelo: o desenvolvimento de novas técnicas de poder, que consistem — ao contrário — em muitos (como nunca antes na história) vigiarem poucos. Refere-se, naturalmente, à ascensão crescente dos meios de comunicação de massa — sobretudo a televisão —, o que leva à criação, junto com o Panóptico, de outro mecanismo de poder que chama, em mais um achado, de *Sinóptico* (BAUMAN, 1999, p. 49, grifo do autor).

O conceito do sinóptico foi desenvolvido em 1997 por Mathiesen antes das redes sociais, era o início da internet, período relacionado a passividade dos espectadores diante da programação transmitida pelas televisões para audiências de massa. Atualmente podemos relacionar o sinóptico as redes sociais, onde influenciadores digitais atuam oferecendo modelos de comportamento para sujeitos vigilantes que consomem conteúdos privados dos sujeitos vigiados. Bauman faz a seguinte leitura sobre o sinóptico: “em minha leitura, é uma espécie de “pan-óptico ‘faça você mesmo” [...] Um pan-óptico significativamente modificado, a vigilância sem vigilantes” (2014, p. 51).

O sinoptismo atende a sociedade digitalizada excluindo o confinamento e vigilância física, economizando mão de obra, como diz Bauman: “se o sinóptico substitui o panóptico, não há necessidade de construir grandes muralhas e erigir torres de vigilância para manter os internos do lado de dentro” (2014, p. 52). A autodisciplina gera preocupações com as consequências psíquicas, mesmo sem muralhas oprimindo, a opressão atua de dentro do sujeito para fora, em suas ações de autocobrança constante tem uma função normativa como antes aplicada no panoptismo foucaultiano. Bauman evidencia os celulares como minipanópticos, portáteis, comercializados para o incentivo sinóptico, surge então: “os ‘usuários’ dos serviços do Google ou do Facebook que produzem a ‘base de dados’ – a matéria prima que os profissionais transformam nas “categorias-alvo” de compradores potenciais” (2014, p. 53, grifos do autor).

De modo pertinente, Han sintetiza os efeitos gerados pelo panóptico digital, com a inversão de papéis entre vigiados e vigilantes, o sinoptismo colabora com o aceleração das novas punições, os corpos não sofrem mais punções diretamente, como na sociedade disciplinar, agora, o castigo atinge o sujeito internamente, os efeitos positivos são neuronais.

Provocando reflexões sobre a sociedade digital contemporânea, Byung-Chul Han (2015) destaca na obra “Sociedade do Cansaço” os efeitos dos comportamentos diante da vida psicológica em prol do mercado capitalista. A coerção não parte mais diretamente de um sujeito opressor, vem da própria sociedade, gerando o sujeito do desempenho. No âmbito digital, o sujeito não tem mais um opressor direto, acaba sendo submisso de si mesmo, a prática de autocorreção mantém padrões de alta performance. Deste modo as coerções são decorrentes de futuros problemas psíquicos, os quais estão cansando a sociedade do desempenho.

No início do século XXI, as manifestações patológicas são atualizadas diante das sociedades, doenças neurais como depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (Tdah), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB). Diante desse cenário, doenças causadas por excesso de positividade, afastam tanto da negatividade que retiram a chance da busca de imunidade, consequência gerada por um sistema de autocobrança de desempenho do indivíduo. Sobre esse assunto comenta Han:

O século passado foi uma época imunológica. Trata-se de uma época na qual se estabeleceu uma divisão nítida entre dentro e fora, amigo e inimigo ou entre próprio e estranho. A ação imunológica é definida como ataque e defesa. Nesse dispositivo imunológico, que ultrapassou o campo biológico adentrando no campo e em todo o âmbito social, ali foi inscrita uma cegueira: pela defesa, afasta-se tudo que é estranho (2015, p. 7).

Na passagem da Sociedade Disciplinar para Sociedade do Desempenho, Han utiliza o termo imunidade – conceito do âmbito biológico para ilustrar transformações sociais. Na sociedade disciplinar a imunidade do sujeito aumenta, pois o ambiente opressor leva o sujeito a buscar defesa; “a sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição” (2015, p. 14).

No entanto o sujeito quando transferido das fábricas para as empresas, das empresas para o home-office, a sensação de liberdade, a ausência de um opressor colabora com o excesso de positividade; “hoje a sociedade está entrando cada vez mais

numa constelação que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesa imunológicas” (HAN, 2015, p. 8). A violência que o sujeito sofre agora está ligada a uma subjetividade interna, difícil de identificar, a violência é neuronal, marcada por superprodução e desempenho. Considerando que o sujeito não tem mais limites para buscar a sua melhor atuação, precipitadamente não imagina a possibilidade de fracasso, não sente a perda de imunidade, não identifica mais o sistema dominador ao seu redor.

O sujeito sem defesa, sob o declínio da própria imunidade, não reconhece o quanto sofre com a relação de poder no sinoptismo nas redes sociais. Inconscientemente a observação sinóptica manipula de forma sutil a comparação de desempenho, mesmo sem um regime disciplinar atuando, o sujeito cobra-se por maiores performances. Enquanto que a ação do panoptismo digital acelera o sistema de controle de algoritmos que apontam a demanda para impulsionar positividade no ciberespaço. Han sustenta: “a violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva e pacificada. Por isso ela é mais invisível do que uma violência viral” (HAN, 2015, p. 11).

Han resgata a Sociedade Disciplinar de Foucault, em que a disciplina gerada por hospitais, escolas e fábricas deram espaço para o deslocamento do sujeito da obediência para o sujeito do desempenho, em que agora espaços como *shoppings*, academias *fitness* alimentam sua positividade. O autor se aproxima da obra de Foucault para entender a sociedade contemporânea e percebe que apenas a tese de uma Sociedade Disciplinar não explica as consequências atuais do sujeito, em uma sociedade a qual busca-se superprodução, super desempenho o tempo todo, gerando sujeitos depressivos, cansados, em um vazio da era digital, o qual chama de *Sociedade do cansaço*:

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (HAN, 2015, p. 14).

Foucault apontava os muros das instituições como limites entre os corpos normais e os anormais, utilizando de proibições e negatividade para controle dos corpos. Han não encontra mais repressão na Sociedade do cansaço, não existem mais muros delimitando os corpos, o espaço é ilimitado, ampliando possibilidades por meio das redes virtuais, os corpos não sofrem mais negatividade, coerções, o sujeito é incentivado a ser

empresário de si mesmo. Trocando aos poucos proibições, regras, mandamentos disciplinares por projetos de motivação. Porém para Han: “a sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (2015, p. 14).

Os loucos, delinquentes apontados por Foucault, são agora os depressivos e fracassados destacados por Han em uma sociedade cansada. O sujeito da obediência limitava-se às condições de proibições, sanções de seus controladores, no entanto, o sujeito de desempenho superou a negatividade, ele mesmo auto controla-se em busca de superação de desempenho, sem a necessidade de um controle opressor punitivo presencial. A produtividade voluntária só foi possível devido ao aprendizado junto às antigas aplicações de técnicas de disciplina desenvolvidas no passado. Diz Han:

O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade (2015, p.15).

Segundo Han (2015), o conceito da Sociedade do Cansaço não atua mais no imperativo de obedecer a si, mas apoia-se na pressão de desempenho, provocando depressão e esgotamento. Cedendo a pressão do desempenho social, Han resgata o conceito da filósofa Hannah Arendt sobre o homem trabalhador, o animal *laborans*, sujeito que torna-se responsável por sua própria iniciativa; “o homem depressivo é aquele animal *laborans*⁸ que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo” (HAN, 2015, p. 16). Sendo explorador e explorado, no mesmo momento em que sua autoexploração mistura-se com ênfase em ser agressor e vítima de si sem perceber.

Ao depararmos com as indagações de Han a respeito do sujeito do desempenho – o qual não é mais um sujeito da disciplina, mas que continua disciplinado na busca de produtividade e empenho de forma voluntária – resgatamos o “Discurso

⁸ Isso pode acontecer num mundo cujos principais valores são ditados pelo trabalho, isto é, onde todas as atividades humanas se resumem em trabalhar. Nessas condições, a única coisa que sobrevive é o mero esforço do trabalho, que é o esforço de se manter vivo, e desaparece a relação com o mundo como criação do homem. O homem isolado que perdeu o seu lugar no terreno político da ação é também abandonado pelo mundo das coisas, quando já não é reconhecido como homo *faber*, mas tratado como animal *laborans* cujo necessário “metabolismo com a natureza” não é do interesse de ninguém. É aí que o isolamento se torna solidão (ARENDT, 2018, p. 633).

sobre a Servidão Voluntária”, obra de Étienne de La Boétie (1999) com intenção de investigar os motivos que levam o sujeito a servir voluntariamente sem perceber tal comportamento de servidão, diz:

Isso é ser feliz? Chama-se a isso, viver? Há no mundo algo menos suportável do que isso, não digo para um homem de coração, não digo para um bem nascido, mas apenas para um que tenha o senso comum ou nada mais que a face de homem? Que condição é mais miserável que viver assim, nada tendo de seu, recebendo de outrem sua satisfação, sua liberdade, seu corpo e sua vida? (La Boétie, 1999, p. 33).

O hábito explica a servidão voluntária de quem não se sabe quem é e de onde vem seu condicionamento para a servidão, junto o fato de não conhecer outro modo de vida, pois: “nunca se lamenta o que nunca se teve e o pesar só vem depois do prazer; e com o conhecimento do mal sempre está a lembrança da alegria que passou” (La Boétie, 1992, p. 23). Oferecer vantagens faz com que o sujeito dominado sinta-se parte do mesmo ambiente do dominador, não identificando de que forma pode-se envolver com uma servidão voluntária: “Pois, em verdade, o que é aproximar-se do tirano senão recuar mais de sua liberdade e, por assim dizer, apertar com as duas mãos e abraçar a servidão?” (La Boétie, 1999, p. 33).

A nova forma de relacionar-se está baseada em excesso de informações, estímulos que destroem a atenção, afastando o sujeito da vida contemplativa, conceito de Hannah Arendt em seu escrito “Vita activa”, onde exercendo multitarefas, aproxima-se de animais selvagens, que possuem diversas habilidades de sobrevivência. Han manifesta: “a multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem” (2015, p. 18).

O sujeito do desempenho está despreparado para ouvir seus pares, pensando apenas em sua performance do seu trabalho, tudo que se faz precisa estar relacionado ao trabalho. Cada vez mais gerando situações em que o sujeito afasta-se do desenvolvimento do ócio criativo, momentos de reflexão e contemplação. O retorno ao estado primitivo faz com que o sujeito aproxime-se ao comportamento dos animais selvagens; “ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a)” (HAN, 2015, p. 18). A atenção do sujeito está dividida entre sua sobrevivência e a de sua família; “na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo - bem no comer nem no copular.” (2015, p. 18).

A prática de diversas tarefas simultâneas dificulta o sujeito a aprofundar-se em uma das habilidades, por necessidade ou mesmo por gosto pessoal. Mesmo com as disputas de exposições de criatividade nas redes digitais, o fato do sujeito multitarefa não ter momentos de tédio prejudica atividades criativas, ao que o autor defende que seriam períodos característicos de processo criativo (HAN, 2015, p. 19).

Na tentativa de entender o sujeito trabalhador no âmbito digital, Han aproxima-se ao conceito do animal *laborans* – animal trabalhador –, pois além de ter a forma dedicada totalmente ao trabalho; "não abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônimo da espécie" (2015, p. 23).

Na sociedade do desempenho o sujeito tem a sensação de ser livre no campo digital, muitos carregam seu campo de trabalho, são patrões de si, não são vigiados presencialmente, possuem carga horária de trabalho flexível. O controle digital causa a sensação de liberdade por conta da falta de punição, mas as novas coerções existem de forma sutil, manifestam-se gradualmente no formato de doenças neuronais; sobre tudo: "somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos" (HAN, 2015, p. 25).

Han (2010) inspirado no "Crepúsculo dos Ídolos", do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, revitaliza uma filosofia de vida contemplativa: a busca de entender a importância de valorizar, praticar a contemplação e aprender a ler, pensar, falar e escrever para assim resistir aos impulsos e estímulos imediatos, ofensivo e dominador. O que ele nos diz é que precisamos evitar o estímulo de qualquer impulso exterior, o qual nos desvia da contemplação. Assim, necessitamos de educadores para aprender a ver; "capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento" (HAN, 2010, p. 28).

Utilizando da distinção de potências, uma positiva e outra negativa, sendo a primeira a que se faz algo, a que se diz sim, onde se percebe algo, e a potência negativa, a que diz não, a que não se percebe, a que equilibra para não proporcionar hiperatividade ao sujeito (HAN, 2015, p. 30). A negatividade é valorizada, considerando um elemento essencial para contemplação, o não fazer, pois a hiperatividade característica da sociedade contemporânea, carrega uma positividade vazia, uma forma vazia de ser.

Analisando a sociedade contemporânea, ou a Sociedade do Cansaço, encontramos com o esgotamento excessivo, por conta da busca de desempenho, da alta performance individual. A exploração não depende mais do rígido controle disciplinar

presencial, agora promove um excesso de positividade ao sujeito, causando como se fosse um efeito *doping* cerebral-social.

Como contraponto, a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade. Não são reações imunológicas que pressuporiam uma negatividade do outro imunológico. Ao contrário, são causadas por um excesso de positividade (HAN, 2015, p. 37).

Retomando ao ponto em que Thomas Mathiesen observa transformação panóptica através do movimento dos meios de comunicação, o efeito sinóptico aparentemente não demonstrava coerção, porém Han complementa com os apontamentos das causas neuronais em que o sujeito digital está envolvido, de forma sutil e progressiva castiga todos que se deixam dominar pelo panóptico digital.

Figura 6 - Ilustração Steve Cutts



Fonte: Página do Steve Cutts⁹

Anunciando o surgimento da sociedade de controle, Gilles Deleuze, aponta o início de uma sociedade do cansaço, como descrito por Han, a mesma sociedade em que o panóptico de Foucault moderniza suas tecnologias. O processo de digitalização muda a forma de operar com as massas junto ao sinóptico, o indivíduo através dos algoritmos já estava sendo denunciado por Deleuze, diante de alguns detalhes do controle do movimento das massas na sociedade de controle; “o essencial

⁹ Disponível em: <https://www.stevecutts.com/>. Acesso em 07 mar 2022.

não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem” (1992, p. 222).

Deleuze no *Post-scriptum* utiliza a metáfora da toupeira e da serpente: “a velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle” (1992, p.222). Han (2018b, p.29) acrescenta: “a toupeira é o animal da sociedade disciplinar”. Diferente da serpente, a toupeira foi condicionada a viver reclusa em ambientes cercados de vigilância, não suporta a emancipação para a liberdade de movimentar-se sem um regime disciplinar.

Em seu lugar assume a serpente, o animal da sociedade neoliberal do controle, que sucede a sociedade disciplinar. Ao contrário da toupeira, a serpente não se movimenta em espaços fechados; até a partir do movimento que abre espaço. A toupeira até trabalha. A cobra, por sua vez, é empreendedora HAN (2018b, p. 29).

Em meio a um mundo virtual, tentamos aprender a lidar com a transição de nossas relações através de nossos dispositivos digitais, os mesmos que geram sensações positivas, são os mesmos decorrentes de nossos danos neuronais. Como afirma Deleuze: “Os anéis de uma serpente ainda são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira” (1992, p. 226). O panoptismo foucaultiano é a preferência da toupeira, a qual resiste a digitalização, enquanto a serpente digital avança descontroladamente junto ao panóptico digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panóptico digital realiza a interconexão na sociedade contemporânea, mantendo sua principal característica do panóptico de Bentham: vigiar sem ser visto para impedir qualquer evasão ao ambiente controlado. Foi necessário ampliar o panoptismo no ciberespaço para adaptação e manutenção das relações de poder e apropriação das melhores ferramentas de vigilâncias possíveis.

O segundo capítulo tem apoio de obras de Cezar Taurion, Thomas Cormen com a finalidade de compreensão do lugar onde acontece toda a movimentação panóptica digital, a interconexão mundial de computadores em rede, considerando tanto a parte física quanto a parte de banco de dados, que alimentam este universo virtual, mediado pela *Cibercultura*, constituindo os conjuntos de práticas, modos de pensamentos e valores que desenvolvem-se no ciberespaço.

Estabelecemos conexões a partir da gênese do panoptismo em Michel Foucault, percorrendo obras de Zygmunt Bauman e Gilles Deleuze, os quais anunciavam o quanto as modificações nas estruturas de controle sociais sofreram alterações em relação ao antigo formato de controle disciplinar, pois as relações de poder contemporâneas denunciavam a possibilidade do panóptico digital.

Deleuze indica o deslocamento da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, distinguindo a superação do confinamento para o controle intermédio de sistemas de informações e o início da dissipação do poder na *web*. O controle passa a ter necessidades de adaptações com participações de máquinas informatizadas, as quais elevam o nível da coleta de dados, pois rastreiam padrões de comportamentos de cada indivíduo de forma contínua dentro do ciberespaço.

Bauman, propõe a necessidade de pesquisas para atualização do panóptico foucaultiano, pois as transformações de controle sociais estavam alterando as relações de poder e suas ferramentas. A obra de Bauman colabora com o objetivo de investigar a possibilidade da existência do panoptismo digital quando apresenta as obras de Thomas Mathiesen, Mark Poster, teóricos investigadores da movimentação das relações de poder na *web*, os quais investigam a possibilidade do panoptismo no âmbito digital.

Mathiesen, por exemplo, apontava a relação de poder da mídia por meio do aparelho de televisão, o chamado sinoptismo, uma espécie de extensor panóptico, vigia sem a presença de vigilantes, torres, muros como o panóptico de Bentham. Poster

elabora estudando mídias digitais contemporâneas o nascimento do super panóptico, sustentado por armazenamento de dados informatizados – os mesmos apontados por Deleuze no surgimento da sociedade de controle. Os dados fornecidos de forma voluntária são essenciais para manter o controle e a vigilância.

As pesquisas de Franklin Foer contribuíram para entender quem está exercendo domínio das ferramentas digitais de manutenção de poder. As investigações demonstram o panoptismo digital vivo, personificado em algoritmos, que são os registros de qualquer movimento no ciberespaço, armazenados depois em algum Big Data. Os dados são capturados com apoio de equipamentos que registram a linguagem digital, o que leva a um acúmulo de informações geradas pelos próprios usuários da *web*, em contrapartida essas informações estão no domínio de mega corporações do mercado digital. A exclusividade às informações relacionadas aos hábitos e preferências dos usuários do ciberespaço são fornecidas sem sua percepção, pois assim dão oportunidade de manipulação através do marketing digital.

A hipótese sobre a possível existência do panóptico digital é confirmada nas obras de Byung Chul Han, que, como Bauman, também percebe a necessidade de atualização no conceito de panoptismo, colaborando com diversas obras sobre a conformação da existência do panóptico digital. Por todo o desenvolvimento da pesquisa, Han com suas investigações e estudos nos deu pistas tanto para entender o que é o poder e o panoptismo em Foucault, quanto para pesquisar as consequências do panóptico digital.

O autor propõe o conceito da sociedade do cansaço e de sociedade do desempenho que, associadas à noção de sociedade de controle de Deleuze, permitem discutir os formatos em que os indivíduos organizam-se em ambientes digitalizados. As propostas de Han enriquecem a pesquisa por toda a sua estrutura, confirmando a existência do panóptico digital vigente e eficiente proporcionando autoexposição e autoexploração de sujeitos que estão trocando sua privacidade por controle e vigilância sem perceber.

Durante a pesquisa encontramos a necessidade de definir alguns termos técnicos da área de informática para melhor entendimento da transformação do panóptico de Foucault para o panóptico digital. Os autores Pierry Levy, Thomas Cormen, Cezar Taurion proporcionaram o conhecimento do ambiente digital e das ferramentas informatizadas no panorama digital.

Em síntese percebe-se com essa pesquisa a importância da identificação, definição e discussão sobre as ferramentas digitais junto a sociedade contemporânea. As monopolizadoras dos banco de dados, as megacorporações, estão trabalhando para dominar as relações de poder apropriando-se de toda e qualquer ferramenta tecnológica, as mesmas oferecidas como ferramentas de comunicação utilizadas no convívio social, no trabalho, estudo, entre outras atividades. Por fim, consideramos fundamental a análise descritiva, a apropriação e a busca de conhecimento sobre o uso de ferramentas digitais para revelar as capacidades dos algoritmos e proporcionar soluções de melhoria de nossa imunidade neuronal diante do panoptismo digital.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CORMEN, Thomas H. **Algoritmos: Teoria e prática**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 5ª edição. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - Nascimento da Prisão**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I - A vontade de saber**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel - **Ditos e Escritos IV - Estratégia, Poder-Saber**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2012a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25ª edição. São Paulo: Graal, 2012b.

FOER, Franklin. **O mundo que não pensa: A humanidade diante do perigo da extinção do homo sapiens**. Edição Digital. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2017.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do Cansaço**. Edição Digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAN, Byung Chul. **O que é poder?** Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung Chul. **No Enxame: perspectivas do digital**. Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2018a.

HAN, Byung Chul. **Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Edição Digital. Belo Horizonte: Âyiné, 2018b.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da Servidão Voluntária**. 1ª reimpressão da 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LÉVY, Pierry. **Cibercultura**. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATHIESEN, Thomas. **A sociedade espectadora: o “panóptico” de Michel Foucault.** São Paulo: Revisita. Margem, n. 8, p. 77-83, dez. 1998

TAURION, Cezar. **Big Data.** Edição Digital. Rio de Janeiro: Brasport Livros e Multimídia Ltda, 2013.